

POR QUE LER SHULGIN CEM ANOS DEPOIS?¹

Sandra Luciana Dalmagro²

Matheus Rodrigues Lima Affonso Garcia³

Resumo

O texto tem por objetivo apresentar a obra “Fundamentos da Educação Social”, do educador soviético Viktor Shulgin (1894 – 1965). Na obra em questão, debate acerca dos objetivos da educação, contrapondo-se às formulações burguesas. A obra versa sobre categorias como: a atualidade, a auto-organização e o trabalho socialmente necessário.

Palavras-chave: Shulgin. Fundamentos da Educação Social. Pedagogia Soviética. Finalidades da Educação. Escola Única do Trabalho.

¿POR QUÉ LEER A SHULGIN CIEN AÑOS DESPUÉS?

Resumen

El objetivo de este texto es presentar la obra “Fundamentos de la Educación Social”, del educador soviético Viktor Shulgin (1894-1965). En esta obra, debatió los objetivos de la educación, oponiéndose a las formulaciones burguesas. La obra aborda categorías tales como: la actualidad, la autoorganización y el trabajo socialmente necesario.

Palabras clave: Shulgin. Fundamentos de la Educación Social. Pedagogía Soviética. Finalidades de la Educación. Escuela Única del Trabajo.

WHY READ SHULGIN A HUNDRED YEARS LATER?

Abstract

The text aims to present the work “Foundations of Social Education” by the Soviet educator Viktor Shulgin (1894 - 1965). In the work in question, he debates the objectives of education, challenging bourgeois formulations. The work deals with categories such as: contemporaneity, self-organization, and socially necessary work.

Keywords: Shulgin. Foundations of Social Education. Soviet Pedagogy. Purposes of Education. Unified Labour School.

¹ Texto Clássico recebido em 12/06/2026. Aprovado pelas editoras 18/07/2026.

Publicado em 28/07/2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i54.72512>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil). Docente do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: sandradalmagro@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/940020740932906>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9639-7070>.

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil). Doutorando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT). Email: matheus.r.l.a.garcia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3420797707800200>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8654-8813>.

Introdução

Este texto se propõe apresentar a obra “Fundamentos da Educação Social”, do educador soviético Viktor Nikolaevich Shulgin (1894 - 1965), escrita nos primeiros anos de 1920, no calor da Revolução de Outubro e publicado em 1924 e indicar algumas razões do porquê retomar o autor e sua obra.

Nas últimas duas décadas a Pedagogia Soviética tem alcançado maior interesse no Brasil, fruto do esforço do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em parceria com o professor Luiz Carlos de Freitas, tradutor e difusor das ideias dos pioneiros da Educação Soviética no Brasil e a Editora Expressão Popular. Neste período seis obras foram traduzidas diretamente do Russo: A Escola Comuna (Pistrak, 2009); Rumo ao Politecnismo (Shulgin, 2013); Ensaio sobre a Escola Politécnica (Shulgin, 2015); A construção da Pedagogia Socialista (Krupskaya, 2017), Fundamentos da Escola do Trabalho (Pistrak, 2018) e Fundamentos da Educação Social (Shulgin, 2022). Fundamentos da Escola do Trabalho, de Pistrak, é a obra mais conhecida no Brasil, já contava com duas edições anteriores, a primeira de 1981 pela Brasiliense e a segunda pela própria Expressão Popular no ano de 2000, porém, nestas duas edições, a tradução vinha de uma edição francesa, incompleta, e na qual se omitia a colaboração entre Shulgin e Pistrak (Freitas, 2009).

Este conjunto de textos, agora disponível, possibilita uma visão mais abrangente da experiência educacional e escolar gestada em contexto de construção da sociedade socialista. Apesar da maior difusão alcançada, o conhecimento desta experiência é ainda inicial, mesmo no campo educacional crítico.⁴

Como os humanos são frutos do seu tempo histórico e a educação, em qualquer sociedade, visa tornar os indivíduos membros ativos, partícipes desta mesma forma social, é difícil para nós que vivemos e somos educados no capitalismo, alcançar de imediato ou mesmo após algum tempo de estudo e militância, a compreensão de outra forma de educação e vida em coletividade. Por isso o estudo dos educadores socialista é tão necessário. Por meio deles podemos entender o

⁴ Data de 1931 a publicação no Brasil da obra “A Educação na República dos Soviets – Programas Oficiais” pela Companhia Editora Nacional (Narkompros, 1931). Este livro, que se assemelha a um Currículo, é voltado para os primeiros anos escolares e está organizado sobre a lógica dos Complexos, uma formulação soviética que entrelaça as categorias atualidade, trabalho socialmente necessário, auto-organização e conhecimento. Esta publicação revela que o interesse pelo tema é antigo, porém, de alcance bastante restrito.

quanto mulheres e homens são produtos da educação e o quanto o que somos e pensamos, o verdadeiro e o falso e quase tudo o que nos cerca, são construções históricas, vinculadas ao modo de produção.

No livro Fundamentos da Educação Social, Shulgin debate os objetivos da educação, evidenciando a centralidade desta discussão que em nosso tempo se encontra obliterada, pois os interesses burgueses, mercantis e pragmatistas foram naturalizados, tomados como eternos e inevitáveis. Em oposição, os socialistas pensam a formação ampla, integral, coletiva, em articulação com a vida real em sua complexidade, contradições e sintonizada às mais elevadas conquistas humanas nas diferentes dimensões humanas. Na concepção soviética, a educação se desenvolve na atualidade, através da auto-organização e tendo por base o trabalho socialmente necessário. Estas são categorias da educação escolar porque são categorias da formação na sociedade socialista. As articulações entre a escola e a vida fora da escola, assim como a visão ampliada de como e para que a escola educa são pontos altos na produção dos pioneiros e na obra em questão estão exemplarmente expostos.

O presente texto tem por base os estudos dos educadores socialistas, particularmente das obras dos primeiros formuladores da Pedagogia Soviética acima referidas. Resulta ainda da militância dos autores em movimentos sociais e educacionais e de estudos realizados junto à disciplina Escola e Pedagogia Socialista, regularmente oferecida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

O autor e sua época

Viktor Shulgin, foi educador, intelectual e militante com ativa participação na construção da Escola Única do Trabalho nas duas primeiras décadas após a Revolução Russa de 1917. Atuou no Comissariado do Povo para a Educação, o NarKomPros, equivalente ao Ministério da Educação, junto com Moisey Mikhaylovick Pistrak (1888 – 1937) de quem foi parceiro de trabalho e importante interlocutor. Shulgin e Pistrak se dedicaram a construir a Escola Única do Trabalho, uma experiência educacional ímpar que, apesar de pouco difundida e compreendida,

contém elementos valiosos para pensar a organização do trabalho escolar sob outras bases.

Shulgin e Pistrak atuam nos primeiros anos da Revolução Russa, à época de Krupskaya (1869 – 1939), Lunatcharsky (1875 – 1933) e são também conhecidos como pioneiros da Educação Soviética. Compõem o grupo que vai ensaiar e projetar a escola soviética ou socialista em tempos que, como dizia Krupskaya, apenas se sabia a escola que não queriam.

Educador e historiador, Victor Nikholaevich Shulgin formou-se pela Universidade de Moscou, em 1917. Conforme Freitas (2013), foi diretor do Instituto de Métodos de Trabalho Escolar entre 1922 e 1931 e trabalhou na Seção Científico-pedagógica do Conselho Científico Estatal do NarKomPros, ao lado de Krupskaya entre 1921 e 1931. Em 1931 exerceu a direção do Instituto de Pedagogia Marxista-Leninista. Depois de 1931, assim como Pistrak, sofre calúnia e suas formulações são associadas ao antileninismo e à perspectiva de eliminação da escola. Neste momento se retira do trabalho com educação e começa a atuar no Museu da Revolução.

Colaborador de Pistrak, Shulgin compartilha com ele várias ideias e conceitos que são reconhecidos como centrais na experiência escolar soviética: atualidade, auto-organização, trabalho na escola, complexos. Shulgin destaca-se pela formulação dos conceitos de Politecnismo e Trabalho Socialmente Necessário e elabora acerca da ligação da escola com o meio. Estas questões aparecem com força nas duas obras do autor traduzidas no Brasil: “Fundamentos da Educação Social”, publicada na Rússia em 1924 e traduzida ao Português em 2022 e “Rumo ao Politecnismo”, datada de 1930 e publicada no Brasil em 2015. A colaboração entre Shulgin e Pistrak não impede que ambos divirjam acerca dos caminhos para a construção da Escola Única do Trabalho, o que pode ser constatado nas obras disponíveis em português. O debate entre eles reflete divergências mais amplas e para além do campo educacional; se ligam à fase transitória em que a revolução se encontrava.

Sabemos pouco de Shulgin, a que forças políticas era ligado, por exemplo, afirmam Bahniuk e Dalmagro (2021). O silenciamento imposto a partir dos anos 1930 aos revolucionários da década anterior e a deturpação de suas ideias exige cautela na análise. Sabemos que Shulgin se dedica a pensar a relação entre o processo educativo e o meio como uma unidade orgânica. Para ele, a pedagogia tornou-se uma ciência que organiza todo o ambiente social do ponto de vista da formação de um

novo tipo de pessoa. Segundo a Enciclopédia Pedagógica Soviética, Shulgin “defendeu a criação de novos ramos da pedagogia para sindicatos, trabalho partidário e movimentos infantis e juvenis”. O Instituto dirigido por ele desenvolveu um conjunto de ferramentas produtivas e originais para estudar as atitudes e condições sociais que afetam a formação da personalidade, “sob a liderança de Shulgin, pela primeira vez, um estudo massivo sobre a influência do ambiente social no processo pedagógico foi realizado” (Kairov; Petrov, 1965, p. 912, tradução livre).

Compreendemos que os autores e suas obras são produtos de seu tempo, o que significa dizer que as elaborações e experiências de Shulgin e dos demais pioneiros da Pedagogia Soviética somente são compreendidas no bojo do processo revolucionário em que se encontram.

No começo do século XX a Rússia já era um país de enorme extensão, composto por diferentes povos e religiões. Com economia eminentemente agrária, a maioria da população encontrava-se no campo e dispunha de técnicas de produção bastante rudimentares. Em descompasso com o desenvolvimento econômico-político da Europa central, a Rússia vivia sob o domínio do czar e apenas em algumas cidades como São Petersburgo e Moscou existia um processo de industrialização, controlado pela burguesia internacional, e um movimento operário incipiente, apesar de estrategicamente localizado (Trostki, 2007; Hobsbawm, 1995).

No que diz respeito à educação, em 1917, aproximadamente 75% da população era analfabeta e 20% somente das crianças em idade escolar estavam na escola nos quatro primeiros anos (Lenin, 1977). A escola antes da revolução era propriedade da aristocracia, da alta burguesia e da igreja, uma pequena parte estava sob o controle do Estado. As escolas mais difundidas na época eram escolas primárias clássicas de dois ou três anos (Capriles, 1989).

A Revolução Russa iniciada em 1905 e que culmina com a tomada do poder em 1917 decorre de diversos fatores. Destacam-se o esgotamento do regime czarista com a pobreza e a fome da população, as derrotas do exército nas guerras e a entrada do país na primeira guerra mundial, o que contava com ampla rejeição popular. A organização de partidos e movimentos contrários ao regime era proibida e fortemente reprimida, estes ocorrem de forma clandestina e restrita entre os círculos intelectuais, artísticos e de trabalhadores organizados. Apesar de pequenos, os grupos de oposição ao czarismo se destacavam pela combatividade. A pobreza e a miséria,

exponenciadas pelas sucessivas guerras, alastram o movimento revolucionário entre os soldados e à base da população. O lema da revolução expressa os principais anseios populares: “Paz, Terra e Pão”.

Depois de um longo processo de lutas, derrotas e organização, em outubro de 1917 os trabalhadores assumem o poder. No entanto, a revolução enquanto um processo extenso de organização dos trabalhadores, não começa e nem termina com a tomada do poder. A população se defrontara com inúmeros problemas, tais como: a guerra civil, a fome, o embargo, a escassez de recursos (Serge, 2007). Apesar das limitações e contradições, o processo revolucionário assegura o direito ao trabalho, a jornada laboral de 8 horas, equipara os salários de homens e mulheres, garante a assistência médica e a escola gratuitas, a alfabetização e o direito à habitação, entre outros. Em relação às mulheres elabora-se uma legislação progressista deliberando a igualdade dos direitos civis e políticos, o direito ao divórcio, ao aborto legal e gratuito e a socialização do trabalho doméstico por meio de lavanderias, creches e restaurantes públicos. Para as crianças e jovens também se dedica atenção especial, dentre eles, o desenvolvimento de uma pedagogia que buscou a articulação entre o trabalho e a educação e estimulou a participação na vida social e política. As artes também se desenvolveram significativamente no contexto revolucionário.

No campo educacional e cultural se realiza um processo de socialização dos bens culturais como o acesso a bibliotecas, museus, universidades, meios de comunicação e à arte em suas diversas expressões. A escolaridade se torna obrigatória e o ensino gratuito, contrastando com a lógica excludente existente na Rússia antes da revolução, na qual 4/5 das crianças e adolescentes não frequentavam a escola e aproximadamente 75% da população era analfabeta. Nas regiões mais remotas da Rússia o índice de analfabetismo chegava a 90%. Em particular entre 1917 e 1931 há um vasto empreendimento para transformar a velha escola elitista, verbalista e autoritária em uma escola sintonizada com os interesses das crianças e jovens e aos desafios sociais mais amplos colocados pela revolução. É neste empreendimento que as formulações de Shulgin ganham destaque. Os pioneiros da educação soviética estão formulando uma proposta educacional que forme os “construtores do futuro”, que forme o jovem comunista. Como tinha alertado Lênin (2011) em seu famoso discurso de 1920 “As tarefas da Juventude”, o comunista não é aquele que sabe os manuais do comunismo, mas aquele que estuda as mais

elevadas conquistas do conhecimento humano e se coloca a construir coletivamente a nova sociedade.

A revolução enfrenta velhos e cria novos problemas. Diz respeito à um período expansivo e criativo na construção de novas relações em diversos aspectos da vida social. Existem diversos embates, inclusive dentro do Partido Comunista Russo, sobre como desenvolver o país neste período e alavancar a construção de uma nova sociedade, o que inclui diferentes perspectivas no campo educacional. Conforme aponta Hobsbawn (1995) o impacto da Revolução de Outubro não se restringe aos países da antiga URSS, mas ecoa no ocidente impulsionando melhores condições de vida em especial da classe trabalhadora e das mulheres, movido pelas lutas sociais e pelo temor de que a onda revolucionária se espalhasse.

A obra “Fundamentos da Educação Social”

Publicado em 1924, Fundamentos da Educação Social (2022) de Viktor Shulgin, é uma obra que ilustra importantes aspectos a respeito da Educação do ponto de vista dos pensadores que construíam a Revolução de 1917. A obra é produto da experimentação pedagógica realizada em uma Escola Comuna, a Escola Experimental-Demonstrativa Lepechinski⁵, localizada nos arredores de Moscou. Esta escola, como uma escola experimental, tem o desafio de ensaiar e elaborar as bases de uma Pedagogia Socialista. Além de ser a fonte do livro de Shulgin, o que é reconhecido pelo autor em seu Prefácio, é a base para o livro elaborado por Pistrak (2018) “Fundamentos da Escola do Trabalho” e para a Coletânea “A escola Comuna”, organizado pelo mesmo autor (Pistrak, 2017).

As Escolas Experimentais tinham por objetivo desenvolver um modo de educar e ensinar socialista, algo ainda não experimentado na história humana. Dois documentos oficiais do Estado Soviético antecedem e orientam as Escolas Comuna: “Sobre a Escola Única do Trabalho (regulamento)” (Comitê Executivo Central de Toda a Rússia, 2018) e a Declaração “Sobre os Princípios Fundamentais da Escola única do Trabalho” (Comissão Estatal para a Educação, 1918). O desafio colocado era imenso: projetar uma escola coerente com a sociedade socialista, ainda em formação.

⁵ Lepechinski foi um importante educador e teórico da educação soviética. Atuou no NARKOMPROS no Setor de Reforma da Escola e foi impulsionador das Escolas Experimentais-Demonstrativas. A partir de 1919 vai atuar na República do Turquistão (Freitas, 2009).

Para tal, os educadores soviéticos tinham em mente que não bastava tornar os conteúdos de ensino críticos; junto com a formação teórica, técnico e científica, era preciso repensar a lógica da escola como um todo, rever os objetivos e métodos do trabalho educativo não apenas na sala de aula, mas na escola toda. Para os soviéticos, a escola inteira ensina.

O livro Fundamentos da Escola do Trabalho é dividido em cinco capítulos (I. Sobre as finalidades da educação, II. A atualidade e as crianças, III. Sobre a auto-organização, IV. Sobre os objetivos do trabalho e V. Sobre a questão do trabalho), o autor busca indicar um horizonte onde uma nova concepção de educação, forjada na revolução e na luta de classes, forme sujeitos coletivos e construtores de uma nova sociedade.

Ao discutir as finalidades da educação o autor afirma que

É preciso dizer que não importa como o professor decida, *a escola de massa sempre* concretiza aquelas finalidades que o poder estatal coloca perante ela. O próprio sistema educacional não é outra coisa senão o melhor instrumento nas mãos do poder estatal para a consecução dessas finalidades (Shulgin, 2022, p. 28. Grifos do autor).

E prossegue

As finalidades da educação são um fato. E a questão não é debater se elas podem ou não ser colocadas, mas sobre quais são essas finalidades, quais são as finalidades que devemos colocar para a escola. E parece-me, camaradas, que exatamente agora, mais do que nunca, se deve falar sobre as finalidades da educação (Shulgin, 2022, p.38-39).

Podemos ver que o autor coloca a escola de massa fortemente vinculada aos interesses do poder estatal, como um instrumento do Estado na luta de classes. Dessa forma, não há como compreender a educação sem compreender o contexto em que ela está inserida. Portanto, no contexto da Revolução Russa de 1917 e da construção da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS), a educação tem como finalidade a formação de um sujeito que não apenas se insira na luta de classes, mas, principalmente, que seja um construtor tanto do instrumento de luta da classe trabalhadora (a URSS) quanto da sociedade futura, da sociedade proletária. Nesse sentido, a finalidade da educação tem que estar intimamente atrelada à vida real, à atualidade, e essa conexão entre a atualidade e a educação só pode ser mediada pelo trabalho.

Falamos sobre o trabalho como objeto de estudo, trabalho como método, como fundamento da vida. Ao estudar o trabalho, podemos facilmente traçar a história da humanidade passo a passo. Mas isso não é tudo. Devemos adquirir uma série de *hábitos e habilidades de trabalho*; por intermédio do trabalho entramos na vida social, ele nos conecta com os trabalhadores de todo o mundo e nos introduz ao estudo da atualidade (Shulgin, 2022, p. 43. Grifos do autor).

Por meio do trabalho, o estudante se insere não apenas no seu contexto social, mas se insere em todo desenvolvimento histórico da humanidade, é por meio do trabalho que o estudante se aprofunda na sua própria realidade social. Ao se considerar o trabalho como objeto, como método, como fundamento da vida, a educação consegue formar sujeitos coletivos com possibilidades reais de compreender e transformar a atualidade de forma mais profunda.

Ao continuar sua análise do sujeito construtor do futuro, Shulgin faz uma conceituação mais pormenorizada da atualidade.

O que é a atualidade, perguntamos. E a melhor resposta, parece-nos, é esta: é o imperialismo e a URSS. Nossa época está sob o signo destes. Sem entender isso, também não se consegue responder corretamente à questão de quais são as finalidades da educação, não se consegue entender qual material deve fazer parte do trabalho com as crianças da atualidade. É por isso que dizemos que essa questão deve ser colocada em toda a sua amplitude e complexidade. Por isso dizemos que, se você defende sinceramente a posição de que a escola deve formar um lutador pelos ideais da classe trabalhadora, um construtor da sociedade comunista, *então você também* está concordando que a escola deve ajudar a criança a estudar e compreender a atualidade (Shulgin, 2022, p. 49. Grifos do autor).

Assim, a educação deve estar enraizada no tempo histórico em que se insere, só se compreende as finalidades da educação entendendo a luta de classes como o motor da história. A escola deve possibilitar o desenvolvimento da capacidade de leitura crítica do presente, em articulação com o passado e o futuro, almejando a formação de lutadores e construtores ancorados nos ideais da classe trabalhadora. A educação deve formar pessoas capazes de não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo, ou seja, uma nova atualidade que supere as contradições entre imperialismo e a URSS.

E para essa finalidade da educação, a noção de auto-organização é fundamental

Para a realização dessas finalidades, não basta, é claro, conhecer os ideais da classe trabalhadora; é preciso *saber* trabalhar coletivamente, viver coletivamente, construir coletivamente; é preciso *saber lutar* pelos ideais da classe trabalhadora, lutar muito, incansavelmente; é preciso ser capaz de *organizar* a luta, *organizar a vida* do coletivo, e isso não pode ser aprendido de repente, mas desde os primeiros anos de idade, por meio do desenvolvimento de habilidades organizacionais e hábitos. Nisso consistem as tarefas fundamentais da auto-organização (Shulgin, 2022, p. 79-80. Grifos do autor).

A auto-organização não é uma exclusividade da escola socialista. Shulgin aponta que na escola burguesa para as classes trabalhadoras, onde o professor atua como um legítimo representante do Estado e, portanto, como autoridade central, a auto-organização pode aparecer como um velamento dessa autoridade do professor, ela atua como uma estratégia de controle ao invés de uma prática emancipatória, buscando apresentar a escola como um espaço neutro e o professor como um juiz imparcial. Na escola burguesa, para as classes dirigentes, também podem ocorrer experiências de auto-organização para preparar os futuros dirigentes da sociedade burguesa. Mas em geral, as experiências de auto-organização na sociedade regida pelo movimento de valorização do valor tendem a moldar as crianças para as demandas constitucionais de cada país, de acordo com a classe de origem dessas crianças.

Em oposição às características da escola burguesa, o autor propõe uma auto-organização orientada ao desenvolvimento de capacidades coletivas e à participação ativa dos estudantes na vida social, não como um fim da escola, mas como um meio para formar estudantes-construtores. Para a sua implementação, é necessário romper o isolamento da escola em relação à sociedade, a educação deve ser inserida nas dinâmicas sociais por meio do trabalho socialmente necessário.

Portanto, em todas as escolas, em qualquer grau, em qualquer idade, a auto-organização pode ser introduzida, mas desde o início, a auto-organização e a qualquer momento deve ser claramente lembrado que seu objetivo é desenvolver habilidades organizacionais, hábitos de vida e trabalho coletivo; desenvolver a persistência na obtenção dos objetivos colocados pelo coletivo, a capacidade de compreender as pessoas, de agrupá-las corretamente de forma a atingir o objetivo de introduzir gradativamente as crianças na construção da vida, de incluí-las na vida mundial, na vida dos adultos como lutadoras pelos ideais da classe trabalhadora (Shulgin, 2022, p.92-93).

As atividades da criança devem se tornar cada vez mais complexas e na medida em que se complexificam auxiliam a expandir os limites da escola, se inserem

cada vez mais na vida social, se tornam cada vez mais coletivas e faz com que as crianças conheçam cada vez mais a diversidade da vida. Nesse sentido, a assembleia se torna a forma mais elevada de auto-organização, é nesse espaço que estão inseridos os mais diversos setores da comunidade e a criança tem contato com outras formas de organização, como as células da União da Juventude Comunista Russa, que deve ser a principal ponte para que os jovens derrubem o isolamento da escola e se insiram cada vez mais na sociedade por meio do trabalho socialmente necessário.

Qual é o papel e a tarefa da célula? A célula da União da Juventude Comunista Russa, como também a dos Pioneiros, não goza de quaisquer privilégios na escola. Sua tarefa é envolver, se possível, todos os adolescentes na auto-organização, trazer para sua tarefa alguns camaradas mais enérgicos, desenvolvidos, corajosos, fortes, socialmente determinados, dentre todas as crianças do orfanato, mantendo incansavelmente o interesse de todos os adolescentes da comuna pelos problemas sociais e, acima de tudo, o interesse pela ardente vida atual, pela atualidade, rasgando o isolamento da comuna. Da escola, inserindo-a em trabalhos socialmente necessários realizados a partir de instruções do Conselho e outras organizações estatais e sociais, e envolvendo-a no amplo movimento mundial de crianças, tornando assim tangível para ela (na forma disponível) o pulsar da vida mundial, puxando a escola para a produção, para a classe trabalhadora, para a inserção da comuna no trabalho (Shulgin, 2022, p.88-89).

Ao apresentar o conceito de trabalho socialmente necessário, Shulgin precisa especificar bem o que entende pela relação entre escola e trabalho, afinal, muitos pensadores burgueses teorizaram sobre essa relação e, por mais que tenha uma diversidade de formas de apresentar essa relação entre eles, nenhum propõe a superação dos limites do capital e muito menos colocam a luta de classes como elemento central, são todos reformadores comprometidos com os interesses do capital. E dentre esses pensadores que se posicionam no limite das contradições da sociedade, Shulgin afirma “A pedagogia de Dewey é a pedagogia da época imperialista” (p.121), é aquela que melhor sintetiza todas as contradições insolúveis das pedagogias burguesas. Para Dewey, a escola deve se adaptar à democracia e ao industrialismo, está intimamente relacionada às necessidades do desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a escola também se adapta às necessidades do estudante que é ser introduzido ao trabalho produtivo, à fábrica, mas ao levar o jovem para a vida real, para a fábrica, é necessário apagar todas as contradições da luta de classes, é necessário introduzir o jovem em uma filosofia da reconciliação, utilizando uma

pedagogia também da reconciliação. Valoriza apenas a adaptação e não a transformação. Portanto, cabe à classe construtora substituir essa pedagogia.

A escola do trabalho é o germe do futuro. Ela introduz os estudantes no ambiente de trabalho, junta-os à classe-construtora, leva-os até a fábrica, onde é forjada a ideologia do proletariado, a vontade para a luta; ensina o adolescente, lentamente, a caminhar junto com a classe-construtora, coletivamente, construindo com ela o futuro. Mas tal questão é resolvida somente no período da transição, somente quando o poder se encontra nas mãos dos trabalhadores e camponeses. Aqui são destruídas as contradições (Shulgin, 2022, p. 122).

E prossegue

Para nós, o trabalho é a melhor forma de introduzir as crianças no ambiente de trabalho, de se ligar com a classe-construtora, e não apenas para entendê-las, mas para viver sua ideologia, aprender a lutar, aprender a construir. Mas isso é pouco para nós; o trabalho é uma forma de introduzir os estudantes na família trabalhadora mundial para participar de sua luta, compreendê-la, seguir a história do desenvolvimento da sociedade humana, obter hábitos coletivos de organização e trabalho, de aprender a disciplina do trabalho. Para nós, o trabalho é o fundamento da vida, o fundamento do trabalho educacional, é a melhor maneira de ensinar os estudantes a viver na atualidade. Assim, fundam-se em uma unidade indivisível a auto-organização, o trabalho, a atualidade, e são puxados, trazidos para a vida pelo curso do desenvolvimento econômico que exige uma escola necessária para a classe-construtora, a classe operária, uma escola que educa o lutador e construtor da vida (Shulgin, 2022, p. 125).

A escola do trabalho deve buscar integrar os estudantes à classe trabalhadora e ao trabalho, não de forma meramente contemplativa, mas como agentes ativos da transformação. O trabalho deixa suas formas alienadas da sociedade cindida em classes e se encaminha novamente para aquela atividade eminentemente humana, que conecta o ser social com o mundo, o mediador do metabolismo entre ser humano e natureza.

Por fim, a formação de professores assume um papel fundamental nesse processo. Shulgin aponta a necessidade de se romper com o papel tradicional que o professor tem na sociedade burguesa, papel de um burocrata transmissor de conteúdos, para que assuma um papel realmente de construtor da sociedade. Para isso é necessário elaborar uma formação sólida para os professores.

Quem deve ser o nosso professor? A escola deve formar “um lutador pelos ideais da classe trabalhadora, um construtor da nova sociedade comunista”. Isso, é claro, também determina a gama de

conhecimentos, hábitos e habilidades necessárias para ele, ou seja, métodos, volume, organização.

O professor não deve ser um ignorante, nem um semianalfabeto, mas uma pessoa com formação científica (isto é, um marxista) que conhece e entende a atualidade, que participa de sua construção, estimulando as crianças a se tornarem lutadoras e construtoras (Shulgin, 2022, p. 130).

É preciso, portanto, que o professor seja um profundo conhecedor da atualidade, que saiba interpretá-la, analisá-la e, principalmente, transformá-la. A partir dessa formação é possível elaborar processos educativos profundamente vinculados à atualidade, à auto-organização, à luta de classes e ao trabalho socialmente necessário, formado sujeitos ativos da transformação social, que conseguem articular teoria e prática. Assim, professoras e professores se tornam sujeitos-construtores de uma nova ordem social, uma sociedade socialista.

Considerações finais

Vivemos tempos de grave crise social a qual se mostra profunda e multidimensional: guerras se proliferam, devastação ambiental que ameaça a existência humana no planeta, enorme desigualdade social, fome, crescimento das ideias de ultradireita que ameaçam os trabalhadores, as mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, os povos originários, os direitos humanos, etc. Se a educação se articula intimamente com o tempo histórico em que se encontra, a educação não pode ser imune à crise social que enfrentamos, antes, a educação a reflete de modo trágico.

No Brasil em especial, crianças e jovens não gostam de frequentar a escola, os professores encontram-se adoecidos e vigiados, empresas invadem a escola como todo tido de mercadorias convertendo estudantes e docentes em operadores de uma maquinaria digital fetichizada. Pessoas e aprendizados são tratados como números, índices, difundindo a competição, a seleção, a submissão e a hierarquização. A conversão da educação escolar em mera adaptação ao capital, reflete uma grave crise no sentido educativo e a urgência em discutir as finalidades da educação e da escola.

Neste contexto é que a Pedagogia Socialista pode nos ajudar a vislumbrar um outro modo de organização social e escolar. Em sintonia com as lutas sociais fora da escola e orientados por um projeto de igualdade e justiça social e ambiental, a educação e a escola tornam-se espaços de vida, de alegria, de estudo do real, de experimentação e transformação, de trabalho coletivo e concreto, de produção e

socialização do saber, da arte e da cultura humanas. Neste contexto Shulgin, Pistrak e Krupskaya tem muito a nos ajudar para reconstruir a escola, a educação e a sociedade humana como espaços de formação de mulheres e homens mais plenos e livres.

Referências

BAHNIUK, C.; DALMAGRO, S. L. Pistrak, Shulgin e a pedagogia soviética dos anos 1920. In: MORAES, L. E. P. **Educação e Revolução: A pedagogia socialista soviética**. São Paulo: Escola Latino-Americana de Ciência e Política, 2021. p. 107 – 129.

CAPRILES, R. **Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista**. São Paulo: Scipione, 1989. (Série Pensamento e ação do magistério).

COMISSÃO ESTATAL PARA A EDUCAÇÃO. Declaração sobre os Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho. In: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

COMITÊ. Deliberação do Comitê Executivo Central de toda a Rússia. In: KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAC, Moisey M. (org.). **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FREITAS, L. C. Prefácio. In: Shulgin, V. N. **Rumo ao Politecnismo**, 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FREITAS, L. C. Apresentação da Edição Brasileira. In: Shulgin, V. N. **Fundamentos da Educação Social**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAIROV, I. A. e PETROV, F. N. **Enciclopédia pedagógica soviética**. Moscou, 1965. <http://elib.pstu.ru/vufind/Record/RUPSTUbooks174359>. Acesso em 23 de outubro de 2025. (Tradução livre).

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LENIN, V. I. **Sobre a Educação**. Lisboa: Seara Nova, 1977. Vol. I e II.

LENIN, V. I. As tarefas das uniões da juventude (Discurso no III Congresso de toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia – 2 de outubro de 1920). **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, número especial, p. 367- 376, abr2011.

NARKOMPROS. **A educação na República dos Soviets:** programas oficiais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

PISTRAK, M. M. **Ensaio sobre a escola politécnica.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2018. Original Russo publicado em 1925.

PISTRAK, M. M. **A Escola Comuna.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SERGE, Victor. **O ano I da Revolução Russa.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SHULGIN, V. N. **Rumo ao Politecnismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SHULGIN, V, N. **Fundamentos da Educação Social.** São Paulo: Expressão Popular, 2022.

TROTSKI, L. **A revolução de outubro.** São Paulo: Boitempo, 2007.